

Reflexões acerca do Poema “Habitar o Tempo” de João Cabral de Melo Neto

Reflexiones sobre el Poema “Habitar o Tempo” de João Cabral de Melo Neto

Reflections on the João Cabral de Melo Neto’s Poem “Habitar o Tempo”

Recebido em 06-10-2015

Aceito para publicação em 16-02-2016

Beatriz Alves de Abreu Mancuso Brotto¹

Resumo: Com o objetivo de pensar o poema de João Cabral de Melo Neto “Habitar o tempo”, usar-se-á algumas reflexões de Hannah Arendt que compõe o capítulo “O pensar” de seu livro “A vida do Espírito”² de Martin Heidegger que estão em seus livros “A caminho da linguagem”³ e em uma conferência de Heidegger pronunciada em 27 de junho de 1957 e disponível no livro “Conferências filosóficas” no capítulo “Identidade e Diferença”⁴.

Palavras-chave: poema; reflexões; pensamento; linguagem.

Resumen: Con el fin de pensar en el poema de João Cabral de Melo Neto "Habitar o tempo" utilizará algunos pensamientos de Hannah Arendt que conforma la sección "O pensar" de su libro "A vida do espírito" y Martin Heidegger que están en sus libros "A caminho da linguagem" una conferencia pronunciada Heidegger el 27 de junio de 1957, y está disponible en el libro "Conferencia filosófica" en el capítulo "Identidade e Diferença".

Palabras clave: poema; reflexión; pensamiento; lenguaje.

¹ Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/campus Franca). Mestranda em Literatura (linha de pesquisa Poesia e Aisthesis) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista CNPq. Florianópolis, Brasil. E-mail: beatrizbrotto@hotmail.com

² O título original da obra é “The life of the mind”, cuja tradução para o português foi realizada por César Augusto R. de Almeida, Antônio Abranches e Helena Franco Martins.

³ O título original da obra é “Unterwegs zur Sprache”, cuja tradução para o português foi realizada por Marcia Sá Cavalcante Schuback.

⁴ O título original do capítulo é “Identität und Differenz”, cuja tradução para o português foi realizada por Ernildo Stein.

Abstract: In order to think the João Cabral de Melo Neto's poem "Habitar o tempo", some Hannah Arendt's thoughts will be used, such as those which are in her book "A vida do espírito", in the chapter "O pensar". And also some Martin Heidegger's thoughts will be used as well, those who are showed in "A caminho da linguagem" and another ones who had been spoken, by Heidegger, during a conference, in 27th of June of 1957. Those poems are available in the book "Conferências filosóficas" chapter "Identidade e Diferença".

Keywords: poem; reflections; thought; language.

Ao analisar o poema de João Cabral de Melo Neto "Habitar o Tempo" (1965), os estudos de Hannah Arendt (2010) sobre o pensamento e os de Martin Heidegger (1979) sobre o pertencer entre "ser" e "homem", serão pertinentes para a reflexão sobre o "tempo ao vivo", do qual fala o poema, uma vez que a pertença do ser no humano será refletida como a que estabelece relação entre o pensamento e um corpo que sente; portanto, um ser que apreende o tempo por meio das sensibilidades da/na linguagem poética.

Por Hannah Arendt é sabido que cada ser humano ao se tornar consciente de sua inserção entre um passado e um futuro é, diligentemente, requerido por traçar a trilha do pensar (Arendt, 2010, p. 233). Tal trilha aqui é analisada pelo viés da sensibilidade, através de um corpo que interage com o mundo à volta e, desse modo, é convidado às sensações, apreendidas e postas em linguagem. Assim, a inserção do ser humano entre um passado e um futuro (como pontua Arendt) dar-se-á na esfera do "Habitar o Tempo" (1965), em que "habitar" consiste no poema de Cabral, em presenciar o tempo ao vivo, isto é, apreendê-lo no instante de seu acontecimento.

Diante de tais reflexões, inicia-se a leitura do "Habitar o tempo", baseada em uma efetivação de linguagem alicerçada nas sensações, que sensibilizam o pensamento e o inserem entre um passado e um futuro, como diz Arendt (2010). A saber, a primeira parte:

*Para não matar seu tempo, imaginou:
vivê-lo enquanto ele ocorre, ao vivo;
no instante finíssimo em que ocorre,
em ponta de agulha e porém acessível.
(MELO NETO, 1965, p. 104).*

De acordo com Heidegger, o homem faz-se pertencido ao ser quando se insere no ser e, por meio do pensamento, exerce correspondência com e pelo ser. Dirá que “o homem é propriamente esta relação de correspondência” (Heidegger, 1979, p. 184). Diante disso, o primeiro verso “para não matar seu tempo, imaginou:” é estabelecido mediante a relação de correspondência, na qual um pensamento sensível é predisposto a imaginar o tempo, uma vez que o ser no humano tem um corpo e nota o passar do tempo, bem como almeja nele viver e sobreviver.

Ansiar por viver o tempo ao vivo pode ser analisado como a relação de correspondência entre o “instante finíssimo”, a “ponta de agulha”, e a acessibilidade em habitar o átimo. A inserção do homem em seu ser, em Heidegger se dará pelo pensamento, que, no poema, pode ser equiparado à “ponta de agulha” e o “instante finíssimo”. O acesso que adjetiva a habitação é compreendido como a trilha do pensar, de Arendt (2010), e o relacionamento entre corpo e pensamento, na correspondência de Heidegger (1979). Viver no tempo, enquanto ele ocorre, seria caminhar na trilha entre um passado e um futuro, dar-se-ia em presença do ocorrido, ainda correndo, como escreve o poeta: “vivê-lo enquanto ele ocorre, ao vivo”.

A experiência de uma sensibilidade é percebida na palavra “imaginou”, em que certa influência do clarear o percurso, para que se consiga andar no evento do instante, é desejada, em prol de uma vivência. O imaginar como tentativa de iluminar o acontecer do tempo, corrido nos instantes, e influenciador da/na relação ser e homem, e que, segundo Heidegger, convida ser e homem à percepção; os convida à fina agulha de Melo Neto.

Heidegger usará a metáfora de um salto que distancia o fundamento através de um abandono para “onde já somos admitidos: ao pertencer ao ser” (Heidegger, 1979). Pertencer a algo pode ser pensado como o desígnio à influência sofrida e/ou exercida a outrem, algo que interpela a exercer apelo. Nesse sentido, o viver o tempo relaciona-se com o exercício do humano sobre a terra, tencionando apelo e sendo interpelado ao/pelo redor; em Heidegger, pela natureza e pela história, e, na estrofe supracitada, o humano sendo interpelado e interpelando o tempo. Assim, dá-se continuidade ao poema:

*Viver seu tempo: para o que ir viver
num deserto, literal ou de alpendres;
em ermos, que não distraiam de viver
a agulha de um só instante, plenamente.*

(MELO NETO, 1965, p. 104).

Entende-se como imagem da agulha, o pensamento que é atento, que não se distrai nem por um instante; incita e é incitado ao cálculo e ao planejamento à sua volta. A imaginação do pensar o tempo levou o pensamento de quem imaginou a uma completa atenção sobre o seu compasso, e isso para com que o apreendesse, fosse num deserto literal (num deserto propriamente dito, como no da caatinga, sem proteção contra o sol e calor) ou de alpendres (com alguma proteção, no entanto, ainda quente). O pensar que planeja o cálculo sobre o presente ao vivo, pode ser concebido como a profundidade da escuta de quem se atenta ao evento do tempo. O evento aqui é posto em diálogo com o termo “arrazoamento” (*gestell*) de Heidegger (1979), que diz que o homem é chamado à razão no sentido de se apropriar de um acontecimento, responsável por determinar as constelações de cada época. O evento do tempo e a ideia de “arrazoamento” do filósofo dialogam no sentido de serem eventos apropriadores: no poema, o sujeito do imaginar e figurando a agulha não distraída; no conceito filosófico, o chamado à pertença do homem à sua época, e da época ao homem. Posto isso, reflete-se sobre o conceito heideggeriano:

O nome para todo processo de provocação que leva o homem e o ser a um confronto de natureza tal que se chamam mutuamente à razão se denomina: arrazoamento. (...) Aquilo, em que e de onde homem e ser se defrontam reciprocamente no universo da técnica, interpela à maneira do arrazoamento. No recíproco confronto de homem e ser ouvimos a interpelação que determina a constelação de nossa época. O arrazoamento nos agride diretamente em toda parte. O arrazoamento é, caso ainda nos seja permitido falar assim, mais real(m)ente que todas as energias atômicas e toda a maquinaria, mais real(m)ente que a violência da organização, informação, automação. Pelo fato de não encontrarmos mais no horizonte da representação, que nos permite pensar o ser do ente como presença, aquilo que se designa arrazoamento - o arrazoamento não mais nos aborda como algo presente -, é ele algo estranho. Antes de tudo, porém, o arrazoamento permanece estranho na medida em que não é algo último, mas em

que ele mesmo algo nos comunica que perpassa propriamente a constelação de ser e homem (HEIDEGGER, 1979, p. 184).

O trecho é importante quando se reflete a razão equiparada a não distração da agulha em meio ao deserto. Razão essa que não impõe o absoluto nos termos, mas, ao contrário, busca a relação de pertencimento para com o redor, influenciando-o, e por ele sendo influenciado. O “arrazoamento” heideggeriano, portanto, aqui é tomado como a atenção que as sensações dão ao poeta.

O deserto equiparar-se-á ao processo de arrazoamento quando este faz com que o pensar lide com o anelo por explicações, o deserto, portanto, como uma possível percepção do pensamento que, mesmo atento ao que lhe cerca, não encontra êxito na explicação sobre o tempo. Habitar o tempo, então, passa a ser, unicamente, a experiência do sentir, em que o entender o tempo ao vivo não encontra êxito, por sua própria condição de deserto. Ora, nada mais seco para o pensamento do que a razão em dizer que não há razão diante do acontecimento da vida. No entanto, através do arrazoar, a agulha sente a vida.

Para perceber o “ao vivo”, a sensibilidade torna-se imprescindível para o ser, no humano, habitar o instante. Nesses termos, prossegue o poema:

*Plenamente: vivendo-o de dentro dele;
habitá-lo, na agulha de cada instante,
em cada agulha instante; e habitar nele
tudo o que habitar cede ao habitante.*
(MELO NETO, 1965, p. 104).

O “plenamente” é analisado como maneira de plenitude; por plenitude entende-se o ceder da habitação ao habitante. É de forma inteira que se dará o integral do/ no “vivendo-o”, vivê-lo de dentro. É a partir do exercício do pensamento que a sensibilidade se arrazoa e exerce apelo ao humano e ao ser por meio da relação entre ambos, que vivem através da linguagem do pertencimento.

A “não distração” consiste no ofício do pensamento em ser sensibilizado e se sensibilizar, conscientizar-se e, de modo afiado, tal como a agulha, para que, sendo a habitação o anelo do habitante, lhe ceda seu verbo: habitar.

O “viver o tempo de maneira plena”, portanto, exerce influência sobre a experiência e a consoma em verbo intransitivo. O arrazoar, uma vez que dispõe o ser a sua época, impõe-lhe certa permanência, no entanto, um permanecer que passa, pois, o presente permanece somente quando é posto em verbo intransitivo de “estar”.

A agulha entraria como o desígnio da perscruta, em sonda aos passos do tempo, em escuta ao seu compasso, em atenção ao suspenso silêncio da linguagem ao sentir o evento de experimentar. O habitar cede ao habitante, e o último, por meio da linguagem e pensamento, torna-se conhecedor do significado pleno do habitar, não por meio da razão que o explica, mas, por meio da experiência que o sente. O termo “habitar” cede ao habitante no âmbito significativo, do significado de seu termo enquanto verbo intransitivo e, assim, em âmbito de acontecimento.

Quando o acontecimento é apreendido, o “habitar” torna-se pleno de silêncio, pois, antes, habita e o observa. Em silêncio, o poema retorna do “ao vivo” e escreve:

*E de volta de ir habitar seu tempo:
ele ocorre vazio, o tal tempo ao vivo;
e como além de vazio, transparente,
instante a habitar passa invisível.*
(MELO NETO, 1965, p. 105).

Vê-se, na primeira parte (nas primeiras três estrofes aqui apresentadas) que o processo na agulha caminhou em direção ao experimento do presenciar o instante e a ele pertence o habitante. Ou seja, no primeiro momento a não distração adveio da imaginação de viver no “ao vivo”, visou tornar a quem era vivo, o habitante da morada do presente. O poema caminhou na direção dos sentidos sobre a permanência em passar (uma vez que o “ao vivo” é permanente, no entanto, inserido está em fenômeno passageiro).

Na segunda parte o habitante coloca-se em face do acontecer, experimenta-o e, depois, retorna alumiado por presenciar o tempo: escuta o presente, tomado pelos passos breves de um “ao vivo” que tem voz, e diz; e diz sobre o seu desenvolvimento estanque e sobre sua permanência andante. Contrasta, portanto, a brevidade do tempo e o vasto no acontecimento do “ao vivo”, que se mostra e se faz ouvido.

Partindo do pressuposto do contraste entre o passageiro e uma espécie de eternidade que se mostra, percebe-se o vazio, o transparente do: “o instante a habitar passa invisível”. Desse modo, quem antes buscava ávido, o passageiro, com as forças da agulha não distraída, agora vê que esse ocorre vazio e transparente, não tem um rosto, e, no entanto, mostra-se aos cinco sentidos, que o chamam de: “o tal tempo ao vivo”. Portanto, o tal tempo existe, e é recebido pela sensibilidade do poeta; mesmo que seja invisível, permite ser habitado, pois antes se permitiu voz nos ouvidos de quem desejou escutá-lo, de quem almejou uma relação de pertencimento para com o átimo. Para que seja possível estender a recepção do permanecer no silêncio da observância, salienta:

*Portanto: para não matá-lo, matá-lo;
matar o tempo, enchendo-o de coisas;
em vez do deserto, ir viver nas ruas
onde o enchem e o matam as pessoas.*
(MELO NETO, 1965, p. 105).

A estrofe sugere uma condição, em certo sentido, arredia do tempo e a inaptidão do pensamento em se estabelecer em condição de plena razão. Caberia dizer até que tal pensamento estaria inserido em sua condição dialética enquanto pressuposto do próprio movimento dialético do tempo, e, no entanto, percebendo o limite dessa dialética, uma vez que habitar o tempo ao vivo consistiria em habitá-lo partilhando-o com as muitas coisas que o enchem, e que ao final o matam.

Heidegger, em seu livro “A caminho da linguagem” explora a frase “razão é linguagem” (Heidegger, 2003, p. 9) que, por esse poema, é analisada como a agulha frente ao vazio, em

que a razão quando inserida no dizer o tempo, esvazia-se, não sendo mais capaz de se erguer, mas, antes se silenciar, não mais requisitando outro som que não seja o da escuta.

Nessa poesia, o abismo no pensamento (da não distração da agulha) dá-se pelo abismo na linguagem e se depara com a ineficiência em dizer sobre o tempo, uma vez que ele ocorre vazio e transparente. Caberá somente senti-lo, já que o dizer é limitado.

Constatar o vazio. O único jeito de não matar o presente é o matando. Aqui seria interessante refletir, também, sobre o abismo da/na razão. Para isso, retoma-se o exposto heideggeriano, em seu livro “A caminho da linguagem” (*Ibidem*) e se pensa sobre o trecho em que Heidegger mostra a carta de Hamans Schriften a Herder:

Se eu fosse tão eloquente como Demóstenes, nada mais precisaria fazer a não ser repetir três vezes uma única palavra: razão é linguagem, *logos*. Não consigo deixar de roer e haverei de roer esse osso até morrer. A profundidade dessa palavra permanece, no entanto, para mim muito obscura. Aguardo sempre a vinda de um anjo apocalíptico trazendo a chave desse abismo”. (HAMANS SCHRIFTEN *apud* HEIDEGGER, 2003, p. 9).

O osso roído pelo interlocutor na passagem equipara-se à constatação do habitante sobre o vazio do “ao vivo” e sua incapacidade de dele tomar distância para enxergá-lo de fora, e, quem sabe, ser possível dar-lhe um rosto, uma imagem. O vazio como o roer de Hamman em tentativa fracassada de dar uma forma ao tempo. Então, o abismo se encontraria no ato de roer, em que não há linguagem capaz de descrever o ocorrer do átimo, não há um rosto para o tempo, e, contudo, mesmo não havendo rosto, há uma voz provinda de seu acontecer, incessante.

Tanto o abismo da frase “razão é linguagem” quanto o perceber do transparente, são vertigens das quais sofre quem se posta ao pertencimento diante da vida, e isso porque o pensar uma vez consciente sobre o processo de arraçoamento (entre o ser e o humano) sente o limite da própria matéria de que é feito; um corpo finito, imbuído no correr das horas e inapto às paralisações, embora apto, incessantemente, ao ouvir dos seus chamados.

Por isso, assemelhar o não preenchido ao inapresentável é possibilitá-lo à linguagem por meio da metáfora. Assim, a frase “A única metáfora que se pode conceber para a vida do espírito é a sensação de estar vivo” (Arendt, 2010, p. 144), em que se baseiam os últimos versos:

*Pois como o tempo ocorre transparente
e só ganha corpo e cor com seu miolo
(o que não passou do que lhe passou),
para habitá-lo: só no passado, já morto.*
(MELO NETO, 1965, p. 105).

A metáfora, através da poética, chegaria para escutar o instante e, de certa maneira, visualizá-lo, dar-lhe uma possível forma por causa de sua habilidade em síntese imagética; e as agulhas seriam a invocação pelas metáforas.

O transparente é presença viva, então, o pensamento o perscrutará na subjetividade das sínteses metafóricas, que, sobretudo, sentem e são imagéticas. O limite dá-se em constatar que a sensação de estar vivo é a única metáfora que caberá ao cerne da linguagem, para ser possível ver seu rosto. Assim, a sensação de estar vivo consiste em exercitar os cinco sentidos a pensar o que lhes permeia, seja o ambiente ao redor, seja o eterno compasso do vazio. Desse modo, as agulhas são vivificadas pelo movimento da/na metáfora, não por meio de uma razão que expõe o deserto, mas, pelo próprio viver; pela própria vida breve, que traz consigo, também a memória: “só no passado, já morto”.

A acessibilidade na experiência de escuta sobre a vivência, no poema é efetivada e se efetiva por meio do vivificar o pensamento e abri-lo ao vasto. A linguagem é importante para se chegar à compreensão sobre o papel do entendimento, ou seja, o papel de diagnosticar o limite do dizer humano frente ao ressoar do tempo. O processo de arazoamento encontra o abismo da/na razão e das/nas metáforas, contudo, o pertencer que é efetivado com tal processo, promove o diálogo entre ser e homem, promove o dizer, mas, também, promove o escutar e promove, portanto, o andar do ser humano na história. Viver o tempo enquanto ele ocorre é, também, vivê-lo na memória.

Assim, os versos finais remetem à ideia do movimento circular aristotélico, discutido por Hannah Arendt:

O movimento circular aristotélico, tomado em conjunto com a metáfora da vida, sugere uma busca do significado que, para o homem, enquanto ser pensante, acompanha a vida e termina somente com a morte. O movimento circular é uma metáfora retirada do processo vital, o qual, embora indo do nascimento à morte, também gira em círculos enquanto o homem vive (ARENDDT, 2010, p. 144).

Ao girar em círculos, o movente dá o caráter de vazio e transparente ao tempo, uma vez que não há adiante no círculo e, talvez, em sua interrupção estaria a morte, a percepção da contingência; seria uma espécie de paralisação do viver humano para visualizar do que é feito, de que matéria é composto quando se adere à imaterialidade de seu material breve.

De qualquer forma, mesmo constatada a contingência, o inapresentável efetiva o contraste entre a circularidade abismada e a linearidade da existência do ressoar do tempo.

Chegar a essa reflexão, no poema, dá-se pela agulha, ao trilhar a via que possibilita um corpo e uma cor à apreensão do miolo do tempo. Apreendem como o “habitar pelo passado, já morto”; como o vento que, em pele é sentido, mas, por mãos jamais é segurado. A agulha será capaz da instrumentalização da narrativa, exercitada pela linguagem apta ao fio condutor da continuidade histórica- presenciada.

A célebre frase de João Cabral (fora desse poema) “a vida não se resolve com palavras”, talvez sirva para expandir as reflexões e as unir à frase “a única metáfora que pode ser concebida para a vida do espírito é a sensação de estar vivo” (Arendt, 2010, p. 144). Embora a vida não se resolva com palavras, são as últimas que propiciam argumentação, em pertencer, em narração. Para “o habitar” ceder “ao habitante”, antes, o último deve presenciar o significado do “habitar o tempo”.

O último verso “para habitá-lo: só no passado, já morto”, abre para a discussão acerca da memória e remete a trilha do pensar de Hannah Arendt, exposta no começo desse artigo, em que, por essa trilha é sabido que cada ser humano, ao se tornar consciente de sua

inserção entre um passado e um futuro, é, diligentemente, requerido por traçá-la, através do pensamento (Hannah. Ibidem). Assim, exerce o seu ofício a significância do habitar, e da experiência na memória, efetivada, inclusive, pela voz do tempo pretérito. O processo de arazoamento, de Heidegger, influencia no âmbito do exercício do apelo entre ser e homem, ambos inseridos na apreensão do tempo, da memória; em presença do mundo.

E o “para não matá-lo, matá-lo;/ matar o tempo, enchendo-o de coisas”, equiparar-se-á ao abismo da frase “razão é linguagem” (Heidegger, 2003, p. 9), exposta em Heidegger e elucubrada por Hamans, em que “encher” transforma-se em tentativas de falas e argumentos sobre a própria experiência erguida do silêncio em observância.

Por fim, retoma-se ao início: *“Para não matar seu tempo, imaginou:”*. Dele reflete-se sobre o verbo “imaginou”. Ao imaginar, a intenção é a de desenvolver algo, que nos versos pode ser o pensar sobre o não matar o tempo. Isso é, quem imaginou, imaginou o que faria para não matar o tempo em prol de nele viver. Aqui o pensamento era destituído de maiores resoluções e percepções, pode-se dizer que era um pensamento-imaginação. Contudo, tal imaginação, ao longo do poema, ganhou espessura até conseguir “habitar” em pleno significado de vivência. Em ação, aquele que habitou retornou do habitar, retornou do “habitar o tempo” e constatou que esse era vazio e transparente e, portanto, entendeu por meio do próprio ato em constatar o transparente. Ele próprio constatou. Não houve apenas imaginação, ele voltou do “habitar o tempo”: *“E de volta de ir habitar seu tempo”* (Melo Neto, 1965, p. 105).

O significado foi conseguido em ação, em sentido de experiência e, assim, tornou-se indivisível, já que foi constatado, presenciado: tornou-se existência. Desse modo, o acontecimento sobre o achado do habitante culminou em algo pleno de significante, e, portanto, pleno de vida: o habitar o tempo ocorre vazio.

Aquele que objetivou viver o tempo ao vivo, para executar o objetivo, primeiro imaginou. Seguidamente, pelo instrumento de agulha, o que antes era apenas imaginação começou a ganhar forma e sentido ao ponto de ganhar espessura em existência. Esse ganho, bastante presente na poética de Cabral, pode ser dialogado com a reflexão de Espinosa acerca da diferenciação entre imaginação e entendimento, a saber:

Se alguém, porém, perguntar por que razão somos propensos por natureza a dividir a quantidade, responderei que a quantidade é por nós concebida de duas maneiras: abstratamente, ou, por outras palavras, superficialmente, tal como a imaginamos, ou como substância, o que se faz somente pelo intelecto. Deste modo, se considerarmos a quantidade segundo a imaginação, o que nos ocorre muitas vezes e sem dificuldade, achá-la-emos finita, divisível e composta de partes; porém, se atentarmos tal qual é para o intelecto e a concebermos enquanto substância, o que é difícilimo, então, como já demonstramos suficientemente, achá-la-emos infinita, única e indivisível. Isso será assaz claro a quem souber distinguir entre imaginação e entendimento (SPINOZA, 1989, p. 27).

Por Espinosa torna-se propício notar a relação estabelecida entre imaginar o tempo ao vivo e entendê-lo; ocorrendo de duas maneiras diferentes. O desejo do habitante inicia-se pela imaginação e ao longo do escrito sofre uma espécie de entendimento sintetizador. O que imaginou viver o tempo inicia uma busca para atingir o objetivo, e, ao longo do percurso, passa a não mais imaginar, mas a entender como é habitá-lo, pois começa a senti-lo. Descobre que é ele vazio, transparente, pela capacidade da própria linguagem em perscrutá-lo, em ouvi-lo em seu tempo de tempo.

A descoberta tornar-se a efetivação da busca, não entrando em coisa pontuada e finalizada, mas, na busca sobre a perenidade da própria descoberta. Entende, ao final, que para habitá-lo é somente no passado, já morto. É constatação indivisível, única e infinita, já que não muda e, perene, mostrar-se ao habitante. No primeiro momento, pela imaginação, habitar era finito e composto de partes, pois que do experimento tinha apenas alguns instrumentos, ainda não constatará o limite. Tais partes estavam submetidas ao início de descoberta, não se davam ainda em plena busca, já que não descobriam que buscavam; apenas imaginavam descobrir.

A afirmação de Espinosa também pode dialogar com o processo de arazoamento ao se equiparar à síntese que uma descoberta proporciona. Ser e homem desenvolvem-se e preenchem-se até atingir o entendimento em sua linguagem e do/em seu limite (que nesse

caso, o limite é a constatação de que para habitar o tempo ao vivo só é possível no passado, já morto).

O limite possibilita o corpo às sensibilidades. O poema de João Cabral exerce influência do sensível; tem no questionamento sobre a materialidade do tempo, o imaterial; abre o campo da *aisthesis* e o da espessura, pela ausência de material visto, contudo, apropriado pelos cinco sentidos, pelo pensamento e, também, pela memória.

Refletir sobre a busca significa analisá-la por sua operacionalidade em se movimentar, em andar com (e no) tempo. Pensar pela operacionalidade desse poema em apreender o tempo é visá-lo narrador do instante, em pleno ofício. Experimentar o átimo de segundo, portanto, manifesta-se como o indivisível que nota, que tenta exprimir-se, no entanto, da voz consegue o som, o ressoar dos passos do tempo que inferem nota ao ser no humano, relacionando-o com a sua condição, e com o derredor; em instância de pertencimento.

Referências:

ARENDDT, Hannah (2010). ***A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar***. 2ª Edição. Tradução Cesar Augusto R. de Almeida, Antônio Abranches e Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

HEIDEGGER, Martin (2003). ***A caminho da linguagem***. 2ª Edição. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco.

_____. (1979). ***Conferências e escritos filosóficos***. Trad. e notas Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural.

NETO, João Cabral de Melo. ***A educação pela pedra***. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965.

SPINOZA, Benedictus de (1989). ***Baruch de Espinosa***. 4ª Edição. Tradução de Joaquim Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes e Antônio Simões. São Paulo: Nova Cultural.